

Lopes, N.

**“Uma prostituta abre a porta do quarto e encontra o pai”:
análise estrutural de um mito da prostituição feminina dita de luxo**

Natânia Lopes¹

Resumo

Partindo de uma pesquisa em antropologia, o artigo utiliza os referenciais teóricos da psicanálise para refletir a questão do recalque do desejo incestuoso na constituição da família e da civilidade ocidental moderna. Para tanto, analisa uma história coletada em trabalho de campo com observação participante sobre a prostituição feminina dita de luxo, no Rio de Janeiro. História essa, repetidas vezes contada entre prostitutas, aqui tomada como um mito, em termos straussianos, e que narra o encontro de uma prostituta com o pai, na cena do programa. O texto busca, então, explorar os sentidos dessa história, no contexto etnográfico em que ela emerge, passeando também por outros contextos, a fim de indicar a circulação do mito (e variantes), no imaginário social a respeito da prostituição, em um cenário mais amplo. A presente discussão é articulada pela seguinte questão: De que maneira o mito em tela relaciona o problema econômico-moral do sustento, viabilizado pelo trabalho, com a ordem familiar tradicionalmente prescrita como modelo da sociedade moderna ocidental? Os resultados desta análise apontam para a importância do trabalho feminino na dinâmica subjacente de desejos que organizam a família e a sexualidade. Com isso, conclui-se, por meio do exame do mitema que nomeia o artigo, que o assombro e a angústia demonstrados pelas mulheres e representados pelo encontro mítico com a figura do pai no ambiente da prostituição relaciona-se ao conflito de significações que emerge desse contexto.

Palavras-chave: Mito, Prostituta, Antropologia, Psicanálise, Trabalho.

¹ Pós-doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora e mestra em ciências sociais/ antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (PPCIS-Uerj). Bacharela em ciências sociais pela Uerj. Ativista dos direitos das Trabalhadoras Sexuais na Rede Brasileira de Prostitutas. Membro participante e aluna da Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil). Autora dos livros Cabaré (Urutau, 2023) e atuar ou não como prostituta: programa, etnografia, putativismo (Ofícios Terrestres Edições, 2023). E-mail de contato: natanielopes@id.uff.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3326-4814>

Introdução

Esta história chamou-me a atenção durante minha experiência de pesquisa sobre a prostituição feminina dita de luxo, no Rio de Janeiro, durante os anos do meu doutorado em antropologia, entre 2012 e 2016, sobretudo porque ela se repetia com a constância que só os mitos alcançam. De fato, da primeira vez que a ouvi, fiquei absorvida pelo seu elemento trágico, o que é também um dos efeitos e função do mito: a produção de uma catarse (Lévi-Strauss, 1973/1993).

Eu havia acabado de fazer um anúncio de prestação de serviços sexuais em um site de *call girls*². O anúncio era composto de um ensaio de fotos nua com o meu rosto apagado por um recurso de Photoshop que criava um efeito de desfoque. Creio que tenha sido nessa época, em conversa com uma das garotas com quem tive contato, que a história da “prostituta que abre a porta do quarto e encontra o pai” me surgiu.

Ou talvez tenha sido depois, no primeiro cabaré onde trabalhei, já que ali as garotas tinham muito medo de publicar um anúncio com fotos na internet, uma vez que acreditavam que dessa forma seria mais difícil garantir o anonimato. De todo modo, contavam esta história: “Uma amiga de uma amiga anunciou suas fotos em um site de *call girls* sem exhibir o rosto, um cliente desconhecido ligou e ela foi atendê-lo no motel, como é de praxe. Qual não foi a sua surpresa ao abrir a porta do quarto e se deparar com o próprio pai que a havia contratado sem saber que era ela?”

O fato de em minha memória não haver registrada com exatidão a vez primeira em que tive conhecimento dessa lenda é, em si mesmo, significativo: a tal história tinha uma onipresença. Lembro-me também de ter ouvido uma variante adaptada ao trabalho no bordel: uma mulher estaria de costas, no salão, quando um cliente a teria abordado para um programa e, quando ela se vira, pai e filha se encaram, num constrangimento mútuo.

O que me levou a pensar nesta história como um mito³, como já indiquei, foi sobretudo a sua repetição nos mais diversos ambientes prostitucionais pelos quais circulei. Com alguma variação, mas mantendo a mesma estrutura básica, em todo lugar uma garota de programa acabava, mais cedo ou mais tarde, vindo me contar que a amiga de uma amiga sua (o que desindexava o acontecimento) tinha protagonizado aquela cena de encontro embaraçoso e impressionante.

O interesse da aplicação de uma análise estrutural do mito aqui é identificar conteúdos latentes que, apesar de alguma variação no enredo, a(s) história(s) desse encontro parece(m) insistir em indicar. A aposta é de que esses conteúdos revelem alguns sentidos muito

² Discuti aspectos éticos e políticos da metodologia da observação participante em estudos antropológicos de práticas sexuais no meu livro (Lopes, 2023).

³ Domiciano (2023) aborda em sua pesquisa as particularidades e relações entre o lugar do mito em Freud, Lacan e Lévi-Strauss, ressaltando a importância do estruturalismo straussiano na teoria lacaniana, explicitando como a “fórmula canônica do mito”, de Lévi-Strauss, desemboca no Mito Individual do Neurótico proposto por Lacan, demarcando diferenças em relação à apropriação da noção de mito por Freud na elaboração da sua teoria da sexualidade.

fundamentais, fantasmáticos, usualmente dados pelas prostitutas do médio e alto meretrício, à própria experiência no trabalho sexual.

Primeiras interpretações

O que acontece nessa história tão repetida, contada sempre em tom de alerta e não sem um sentido de horror, é que a mulher é descoberta se prostituindo. A cena põe em relevo, assim, o aspecto do risco da profissão de prostituta (Martin, 2003), mas não qualquer risco, especificamente ela trata do risco de desmoralização da mulher ao ser flagrada se prostituindo por uma figura de autoridade familiar. Porém o sentido de constrangimento desse flagrante é agravado por se tratar, na verdade, de um flagrante duplo: o encontro, ao mesmo tempo que revela a filha como prostituta, representa, ainda que em menor grau, uma desmoralização do pai. O duplo flagrante, dessa forma, faz pesar a sombra de uma desonra sobre toda a família, como núcleo que se organiza em termos morais e econômicos, segundo uma determinada prescrição de papéis sociais e interditos a respeito do exercício da sexualidade, nomeadamente a sexualidade feminina.

A história assusta a imensa quantidade de mulheres prostitutas que fazem segredo da própria profissão nas suas redes pessoais de relações. É notório o elemento da perplexidade que acompanha esses relatos. É como se, ao narrarem a história, um hiato fosse aberto pelas palavras, cujo preenchimento por um sentido de atordoamento fosse imediato e imperioso: há uma pesada carga emocional de estupefação, que logo se torna um sentido compartilhado, em torno da cena imajada pelas prostitutas.

Podemos destacar a importância da figura do pai que protagoniza o encontro, no agravamento do sentido da dramaticidade produzida pelo mito, entre essas mulheres. Uma vez que o segredo da profissão de prostituta não é homogêneo, no campo, sendo frequente que algumas pessoas da família da mulher prostituta saibam⁴ sobre essa atividade, o pai, como figura conceitual, no sistema de crenças que constitui a cultura, funciona, consoante a perspectiva psicanalítica, como bastião da moralidade e da norma. Ideal esse que, justamente, se estilhaça na história, concorrendo para o sentido de horror⁵ que ela produz nas garotas de programa.

Detendo-nos na cena paradigmática do encontro entre pai e filha, podemos nos perguntar então de que formas a prostituição poderia se aproximar, no imaginário das prostitutas, do ato incestuoso. Por que essas mulheres insistem em falar sobre o cerceamento moral da sexualidade feminina (o tabu da prostituição) a partir do tabu do incesto que organiza a família e institui a civilidade e a ordem social? Por que esses dois interditos lhes parecem, de alguma forma, relacionados?

4 Nesses casos são geralmente mãe, irmãos ou familiares mulheres da trabalhadora sexual, ou pessoas com quem elas tenham uma relação próxima, ou de amizade, como um irmão ou primo de mesma idade e/ou algumas pessoas das suas redes de vizinhança.

5 Necessário registrar em nota, explicitando-o, o referencial teórico da discussão que se desenvolverá adiante: o apontamento freudiano (2012/1914) de que os sistemas primitivos de crenças se atualizam nas neuroses modernas, concorrendo para o horror ao incesto como marca psíquica fundadora do *socius* (Deleuze & Guattari, 1972/2011)] e da civilidade.

A usual diferença de idade entre cliente e garota de programa, ao menos no escalão da prostituição “de luxo”, é um fator a ser considerado. Também a articulação antinômica entre os termos “prostituta” e “família”, de que muito já tratou a literatura especializada no tema da prostituição, em antropologia, sendo Bacelar (1982) uma das referências principais⁶. Aqui o que parece estar em jogo é a proscrição imaginada da mulher do seu núcleo familiar.

Mas o elemento que quero trazer à consideração, como hipótese, é que talvez o pagamento cabido ao homem (ao lado de uma proximidade, ou intimidade, de ordem afetivo-sexual e física ou corporal) diga respeito à relação com o pai como figura provedora do sustento, na configuração tradicional de família que informa o imaginário de mulheres pertencentes às classes médias, como é o caso das prostitutas do contexto etnográfico em questão. A isso podemos relacionar o crescimento, nos últimos dez anos, no Brasil, das chamadas *sugar relationships*⁷ nas classes média e alta. Passarei a tratar desse ponto a seguir.

Morfologia do mito

Reduzindo o mito de que nos ocupamos aqui do essencial, ao modo de mitema (Lévi-Strauss, 1962), temos, conforme o nome deste artigo: *Uma prostituta abre a porta do quarto e encontra o pai*. Podemos decompor a frase e olhar para os termos dessa cadeia separadamente, mas sem perder de vista a relação de cada termo com os demais. Tomemos como significantes então os termos “prostituta”; “abrir a porta”; “quarto” e “pai”.

De fato, como indiquei, a imagem do pai pode coincidir com a do cliente típico: homem mais velho, estabelecido profissionalmente, chefe de família. A presença desse personagem parece indicar um fetiche de revelação de fantasias sexuais incestuosas. Chamo atenção para o fato de que o que está em primeiro plano aqui não é a fantasia sexual incestuosa em si mesma; antes, a cena traz a agonística da revelação do conteúdo velado, constitutivo a um só tempo das relações de parentesco, dos sujeitos, da ordem social e da moralidade familiar burguesa⁸ que

6 Veja também, por exemplo, Araújo (2006), Rago (2008), Simões, Silva e Moraes (2014).

7 No universo heterossexual, esse relacionamento é composto pelo intermédio de uma mulher que se nomeia como *sugar baby* e de um homem que se intitula como *sugar daddy*. Um fator imprescindível que fundamenta essa configuração é a ajuda financeira, uma vez que a relação *sugar* presume um cenário em que o *sugar daddy* financia a *sugar baby*, conforme as negociações que ambos fazem entre si no decorrer do vínculo. Esse compromisso econômico pressupõe que o homem auxilie a mulher em suas ambições profissionais e aspirações de consumo, conjuntura na qual um *sugar daddy* pode prover quantias monetárias para os gastos mensais de uma *sugar baby*, como: mensalidades de uma faculdade privada, custos de moradia e alimentação, cursos de idiomas ou especialização, intervenções estéticas e cirúrgicas, dentre outras despesas. Ademais, existe uma ideia de que os *sugar daddies* poderiam auxiliá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal e profissional por intermédio de conselhos e ajudá-las na ampliação de redes de *networking*, considerando as experiências desses sujeitos no universo corporativo (Leite & Barbosa, 2023). Adriana Piscitelli (2023), importante referência nos estudos sobre prostituição em antropologia no Brasil, tem trabalhado com o conceito de “amor material”, cujo rendimento teórico pode também agregar à presente discussão.

8 Elizabeth Bittencourt (2012) faz uma discussão interessante, numa intercessão entre direito, antropologia e psicanálise, sobre a prática do incesto entre pais e filhas no interior do Pará. Ela relata, em seu artigo, a frase sempre dita por pais que se entendem no direito de desvirginar as filhas: “Fui eu quem fiz, vai ser minha primeiro”. Frases como essa, tão ditas e repetidas a ponto de fixarem uma estrutura frasal precisa, podem ser pensadas também pela chave de leitura dos mitos, tal como a estou aplicando aqui.

reveste de modo especial tanto a figura da “filha moça casta” quanto a do “pai provedor” por meio da noção de “honra”.

E porque fala sobre a irrupção de um conteúdo incestuoso reprimido, o mito do encontro com o pai numa situação de programa representa uma dobra, ou pode-se dizer que, assim como o retorno do recalcado (Freud, 1924/2017), a cena tenha certa qualidade reflexiva, sintomática da angústia que enreda quem a narra e quem a ouve: é o exato instante da revelação da dupla quebra da Lei que importa. Por isso, a porta do quarto, aberta, é uma imagem importante.

A porta: a fronteira. A porta do quarto é o liame do espaço íntimo. É ali que pai e filha se encontram, surpresos por acertarem um programa “às cegas”. É ali também que esse conteúdo recalcado, que retorna e assombra, deve voltar mais uma vez para o fundo, para o escuro, para o segredo que sustenta a civilidade, deixando como resto a revelação de que a filha se prostitui. Se bem que a história narrada pelas prostitutas jamais indique o que acontece depois do encontro, sendo o próprio encontro o elemento importante, crítico, ao ouvi-la, temos por óbvio que o programa não se efetiva. O que se efetiva é a ruptura de uma ordem familiar estabelecida de maneira equívoca, quando se supõe sua organização moral bem-sucedida, na composição dos elementos dinheiro, trabalho, sexo, desejo, gênero e parentesco.

A prostituta pode ser tomada como elemento heteróclito na cadeia de quatro significantes (Lacan, 1958/1999): “prostituta”, “abrir a porta”, “quarto”, “pai”. Como um duplo do pai, como procurarei demonstrar adiante, é o significante “prostituta” que reordena a primeira articulação de sentidos da narrativa mítica. É ela, a prostituta, o desvio, o desvario, a deformidade, o monstro.

Mas é ela também a heroína em um contexto de crise de valores que se estabelece na encruzilhada entre o desempenho dos papéis tradicionais de gênero e o trabalho feminino. A figura da prostituta em que se converteu a moça de família indica o declínio de um modo específico de reprodução dos papéis de gênero. E não obstante o bordão de que a “prostituição é a profissão mais antiga do mundo” seja por todos conhecido e muito repetido, é sempre em “outros corpos”, em corpos moralmente distantes, que a prostituição e a prostituta se atualizam, ou encarnam. Vale contrapor, nesse contexto, a inversão interessantíssima, que é bandeira do ativismo de trabalhadoras sexuais no Brasil, de autor desconhecido: “a profissão é a prostituição mais antiga do mundo”.

Anne McClintock (1954/2010), em seu livro *Couro imperial*, situa a relação escandalosa de Arthur Munby e Hannah Cullwick, sua criada, no contexto vitoriano de estabelecimento de um novo modelo da domesticidade, marcado pelo que a autora denomina de “império do sabonete”: a limpeza obsessiva dos marcadores da fronteira que se inventava no século XIX entre o público e o privado (como batentes de janelas, soleiras de portas, degraus e corrimãos, botinas).

O culto da pureza das fronteiras, ao lado de um apagamento do trabalho doméstico (que deveria forjar uma impressão de ócio da dona de casa de classe média), criou as condições para o estabelecimento de um imaginário liberal a partir da fusão entre o doméstico e o Império. As separações que aí se estabeleciam organizavam a sociedade em termos de gênero e raça, principais marcadores da diferença na estrutura social do Império britânico.

Assim, também, a imagem da filha-prostituta, parada na porta do quarto diante do pai-cliente, interroga como a jovem mulher poderá estar inserida na ordem social tradicional que prescreveu o “homem econômico e a mulher doméstica” como regra (Armstrong, 1987). Como o trabalho feminino seria possível, nesse contexto, senão através de uma perversão, ou ao menos de um dramático enfrentamento?

Nessa soleira da porta, que não é a da casa, mas do quarto de hotel (simulacro do doméstico), a casa pública, que assim como o bordel (também chamado de “casa”) é, portanto, um insulto à casa legítima e a sua pureza, revela-se o lugar de encontros fortuitos de amantes clandestinos, cujo sexo não produz filhos nem colabora na organização da sucessão das posses. O quarto como ambiente de um “privado” que é regido por uma ritualística outra, não aquela do asseio noturno de marido e mulher, dentes escovados, pijamas e o sono, é o quarto das taças de vinho, da insônia, da lingerie, do dinheiro, do prazer sexual, do gozo, do encontro proibido, da morte.

Nesse encontro, e na iminência dos seus indecorosos desdobramentos, quando a moça é flagrada como prostituta pelo pai, não é tanto ela quem flagra. Embora isso logicamente também aconteça, nunca é aí que está posta a ênfase do drama do mito – o que aponta para o caráter conservador dos contextos em que essa história é repetida. É a honra feminina que entra em regime de suspeição, que cai em desgraça. Disso deveria decorrer a inevitável excomunhão da garota do seio familiar representado pelo regime de paternidade do seu cliente.

Por outro lado, é necessário considerar, ainda que como efeito secundário, que depois de ter ficado claro que o homem teria escolhido uma prostituta cujo corpo parecia tanto o de sua filha, a ponto de ser ela própria, não haveria mais volta para esse pai, qualquer restabelecimento da paternidade que não fosse aberrante deveria resultar impossível. Do que se pode concluir que, embora o desejo latente de um flagrante do desejo incestuoso paterno permaneça não dito, é ele o verdadeiro elemento da quebra, o motivador do horror das mulheres que repetem a história que, infelizmente, se passou com “a amiga de sua amiga”.

No mais, importa ressaltar que a prostituta está parada na porta do quarto do hotel motivada pelo dinheiro “sujo” de um trabalho feminino que exige o sacrifício da sua castidade. O imperativo das contas confronta um projeto de família tradicional por meio dos gonzo de um pertencimento de classe social.

Variantes mitológicas

Em 2015, a TV Globo exibiu uma telenovela de Walcyr Carrasco intitulada Verdades Secretas, que conta a história de Arlete, uma garota do interior de São Paulo que chega à capital com o sonho de ser modelo. A carreira de modelo, no entanto, funciona com uma espécie de avesso complementar: o catálogo de modelos de determinada agência publicitária é também um “book rosa”, lista de jovens modelos que fazem programas a altos preços, ao mesmo tempo que buscam homens bem-sucedidos que possam ajudar a alavancar suas carreiras.

Arlete, cujo nome artístico é Angel, como prostituta, vive uma intensa paixão com o empresário Alex, que se envolve com a mãe dela para se aproximar da garota. Ao mesmo

tempo, a filha de Alex, Giovanna, que também é modelo na tal agência, vive o ressentimento da mãe abandonada pelo pai e passa a atuar no “book rosa” quando fica sem a mesada que recebe. Um dia, Giovanna vai fazer um programa e encontra Alex. Passo a narrar a cena.

Giovanna chega à luxuosa suíte alugada pelo empresário. Ele está sentado de costas para a porta, numa poltrona voltada para a vista noturna da cidade de São Paulo. “Boa noite, ela diz. Eu sou a Kika” (seu nome artístico). Alex, fumando um cigarro e segurando uma taça de champanhe, vira-se devagar, como se já tivesse reconhecido a voz e estivesse assustado. A câmera fecha no seu rosto em movimento. Giovanna está parada na soleira da porta. Ambos se encaram. Ela petrificada. Ele, com ódio. Música dramática. Ele se levanta da poltrona e caminha na direção da filha. A câmera fecha agora no rosto da garota com os olhos cheios d’água. E o episódio termina.

Minha principal informante da pesquisa de doutorado havia passado, ela mesma, pelo drama da revelação abrupta do seu trabalho como prostituta diante do pai. Um namorado, ao qual ela se referia como “meu ex-namorado psicopata”, havia encontrado suas fotos em um site de acompanhantes de luxo. Ainda que ela mantivesse o rosto desfocado e tivesse mudado a cor do cabelo utilizando um recurso de Photoshop encomendado ao fotógrafo do site, o namorado tinha sido capaz de reconhecê-la. E assim foi ao pai da moça revelar seu segredo: mostrou-lhe as fotos.

O pai rompeu relações com a garota e logo foi embora da casa em que viviam com a mãe e um irmão. Ela dizia que o pai, na verdade, já tinha uma amante, com quem traía a mãe há muito tempo. Segundo a garota, a amante do pai era também uma mulher prostituta. A mãe desenvolveu uma surdez sintomática após o episódio, graças a qual era possível conversarmos sobre as experiências no trabalho sexual no mesmo ambiente que ela.

Aqui, o deslocamento da imagem da filha em direção à amante do pai, bem como a revelação do seu segredo pelo namorado, resultou na ruptura familiar, da sua relação com o pai e da faculdade auditiva da mãe, com quem a garota continuou morando, mais o irmão. Nesse caso, a revelação e os seus desdobramentos são provocados de maneira intencional por um maldoso agente, por isso chamado de “psicopata”. Este que, sentindo-se traído, estava disposto a expor verdades secretas, que deveriam permanecer ocultas.

Se considerarmos as figuras tipológicas de Propp (1958) que Lévi-Strauss (1973/1993) discute, no exame das funções e personagens⁹ dos contos russos, podemos ver nesse caso a figura do pai decomposta, no momento ápice da revelação. O namorado funcionando como um substituto do pai e um vilão. Está posta no namorado “psicopata”, nessa narrativa, a carga simbólica do mal. É ele, afinal, quem rompe com as normas sociais e escancara o conteúdo do segredo. Por outro lado, é esse mensageiro um homem traído, assim como a mãe é traída pelo

9 Para Propp, os personagens são menos importantes que as funções. Mais de uma função pode ser desempenhada por um único personagem. Ele cataloga 31 funções (dentre as quais vale citar: proibição, ato de desejo, violação da proibição, decisão de lutar ou fugir, casamento, prova de valor etc.) e apenas sete personagens (herói, vilão, princesa, pai da princesa, mensageiro, dono de poderes mágicos e o ajudante). O autor identifica que as funções aparecem sempre na mesma sequência em todos os contos, embora não todas as funções estejam presentes em cada história. Lévi-Strauss argumenta que o sistema total das funções em Propp (1958) representa, assim, a metaestrutura.

pai, o que coloca a garota prostituta, também, como uma espécie de duplo do pai – como se pode inferir do desfecho da história de Giovanna em Verdades Secretas, que passo a contar.

No episódio seguinte, Alex apaga o cigarro no resto de champanhe, pousa o copo numa mesinha e vai até a garota, ainda estancada na soleira da porta e cujos movimentos mostram uma hesitação nervosa. Ele lhe diz: “Nem tenta disfarçar. Eu sei muito bem o que você veio fazer aqui”. Ela chorando responde: “Meu pai. Que merda, né? Eu tô chocada.” “Tá chocada?” O pai pergunta. “E eu tô o quê? Minha filha é garota de programa!” Pega o rosto de Giovanna pelas bochechas com uma das mãos, apertando. “Eu tenho vontade de...” “Bater?” Ela pergunta. “De matar! Eu vou te matar Giovanna!” Solta o rosto da filha, enfurecido, num gesto brusco, e se debruça no espaldar da poltrona onde antes estava sentado, pondo-se de costas para ela.

Entrando finalmente no quarto (dando continuação à cena que as prostitutas do meu trabalho de campo nunca contaram), ela decide enfrentá-lo. Uma saída heroica para a prostituta na cena do mito. “Melhor você se matar antes. Você não gosta de garota nova? Inocentezinha?” Ela pergunta. “Me respeita, Giovanna!” Alex grita, atormentado. E continua: “Eu tenho uma namorada, a Sandra [mãe de Angel], que está chegando de viagem daqui a pouco”. Giovanna sorri. Tira a bolsa dos ombros e se senta no sofá: “Legal! Ela é da mesma idade que eu?” “Não me provoca, Giovanna! Não me provoca!”, brada o pai.

A garota arrisca uma ousadia adicional, algo que se parece com uma aproximação sexual: “Me dá uma coisa forte aí pra beber, pro susto passar”. E Alex afirma, numa espécie de retomada, contra-argumento e negação ao pedido da garota, a observância do desempenho da sua função paterna como provedor da filha, afastando-se dela e desmoralizando-a: “Que susto? Você sempre teve tudo do bom e do melhor. Você foi criada no luxo. Teve as melhores roupas, as melhores viagens, os melhores clubes, as melhores escolas, os melhores amigos das melhores famílias de São Paulo. Pra virar garota de programa? Por quê? Pra quê?”

Giovanna grita que está sem dinheiro. E conclui que não precisa mais do pai agora. Que muitas modelos em início de carreira têm um patrocinador, como ele. Nessa condição, Alex pode ser perfeitamente substituído por outro homem. Giovanna identifica a função (do homem provedor) e o enuncia para o pai, passando a ser possível então a troca de personagens (do pai pelo cliente) que ela decide fazer, mediada e viabilizada pela prática sexual abjeta da prostituição.

Alex interrompe: “Quem é você, garota?” E ela responde: “Sou sua filha”. Entre esbarrões em que o pai ameaça agredi-la, ela ainda pergunta, devolvendo a ele a destituição moral: “Você não tem vergonha do que você faz? Olha isso aqui! Essa suíte cheira a dinheiro!” “Eu faço reuniões de negócios aqui”, Alex se defende. E Giovanna se senta na cama, gargalhando e cruzando as pernas à mostra no vestido muito curto: “Negócios!” Ela ironiza.

Dá se segue um diálogo importante: “O que você gasta aqui e dá pra essas garotas é muito mais do que você gasta lá em casa”, diz Giovanna. “Nunca faltou nada pra sua mãe nem pra você.” Ele responde montando sobre o corpo da filha, na cama e esbofetando-a. Aperta o pescoço da garota. Ambos gritam. Há um ápice de tensão, violência e erotismo na cena. E em seguida ambos se deitam lado a lado, na cama, chorando copiosamente.

Finalmente Giovanna se recompõe, levanta-se preparando-se para ir embora. Diz a Alex: “Quando você se separou da minha mãe, foi porque você tinha outras. Muitas outras. Minha mãe dizia que você era um predador. Eu sou igual a você. Uma predadora.”

O argumento capaz de vencer o pai no embate, aquele que, quando da disputa entre pai e filha se apresenta e faz com que a desmoralização pese, finalmente, mais sobre Alex que sobre Giovanna, é o argumento de que o dinheiro (e o que ele representa) seja gasto pelo pai mais com as prostitutas (essas, usualmente tão jovens quanto a filha) que com a própria família. É como se, com isso, ficasse claro que o desejo (incestuoso¹⁰), por parte do pai, se sobrepusesse às obrigações (familiares). O dinheiro, aqui, é o que provê o sustento da família, mas não apenas o sustento econômico, mas também o sustento moral da família burguesa e da ordem paterna.

Se Giovanna é uma predadora¹¹ como Alex, se não é uma presa, ela está engajada no ato da caça e do abate. Coloca-se como uma figura ativa e autônoma que é o duplo do pai, no livre exercício de seus desejos (proibidos).

Terra de cego

Certas tecnologias de garantia do anonimato que presidem as relações na prostituição, principalmente na prostituição de luxo, criam um ambiente propício para que os mal-entendidos e os encontros malditos se insinuem, nos interstícios da norma. O gesto de Édipo de furar os próprios olhos em sinal de arrependimento e culpa pela violação da ordem divina, como representante da castração dos impulsos incestuosos imposta pela civilidade (Lopes, 2015), tem o seu revés no “encontro às cegas” entre prostituta e cliente, quando se abre a possibilidade de violação da interdição, uma vez que pai e filha podem não se ver e não se reconhecer como tais.

Em outro lugar discuti as implicações e significados do apagamento dos rostos das mulheres nos anúncios de *call girls* (Lopes, 2023). Para preservarem a identidade e nome de batismo, as garotas de programa, assim como adotam nomes de guerra, ocultam seus rostos nos anúncios de prestação de serviços sexuais. O rosto, no qual historicamente se assentou a identidade do sujeito ocidental, tomou parte no projeto capitalista de estratificação do corpo (Deleuze & Guattari, 1947/2012). Desde a invenção do espelho, passando pelos fisionomistas do

10 Estou tratando, como já deve ter ficado claro, do desejo incestuoso sem considerar que haja um vetor de sentido que o determine, ou seja, sem prescrição de origem e endereçamento, como o complexo de Édipo sugere: filhos(as) apaixonados(as) por mães/pais. Ao contrário, estou sugerindo que o desejo, como algo anterior aos sujeitos, circule entre os pais e os filhos. Nesse sentido, vale mencionar a perspectiva de Foucault em *Os Anormais*, que na aula de março de 1975 fala sobre o momento histórico de caça à masturbação dos filhos adolescentes, no século XVIII, que poderia ter feito proliferar a culpa nos pais, pela descoberta dos corpos desejantes dos filhos. No século XIX, a narrativa que criou condições para essa forma específica de controle dos corpos e do sexo, encorajando os pais a “chegarem pé-ante-pé, à noite, à beira da cama, levantando lençóis e pondo a mão nos lençóis, para impedir” (Foucault, 1975/2010, p. 234), será complementada por outra, que inventa a verdade do desejo incestuoso nas crianças concedendo o benefício moral da desculpa dos pais: “não se incomodem, não são vocês que são incestuosos” (Foucault, 1975/2010, p. 234). Isso é o que se passa, salienta o autor, na classe média. A regulação do sexo nas classes populares funciona, nessa mesma época, por meio de uma campanha de controle da natalidade que enuncia o problema e a ameaça do abandono dos filhos. De fato, um medo comum entre as prostitutas pobres, e não tanto entre as mulheres que atuam no alto meretrício, é o medo de engravidar. Talvez se pudesse coletar mitologias e histórias nesse sentido, na prostituição dita de baixo escalão, e analisá-las, em contraste com esta que tomo por objeto neste trabalho.

11 “Os pais são convocados a partir à caça dos cheiros, dos vestígios, dos indícios. Acho que é aí que temos a instauração, o estabelecimento de uma das novas formas de relação entre pais e filhos: começa uma espécie de grande corpo a corpo pais-filhos, que me parece característico da situação não de toda a família, mas de certa forma de família da época moderna” (Foucault, 1975/2010, p. 231).

século XVIII até os documentos de identidade (Breton, 1953/2019), é, com efeito, o rosto, em um estabelecido regime de soberania da cabeça, que faz os indivíduos células do Estado moderno. O que se segue é que o corpo sem rosto, anárquico, funciona como mais um lugar da prostituição. É como um quarto de motel, uma esquina, a rua. Os anúncios de prestação de serviços sexuais, nos sites especializados, são uma soleira de porta. A porta da “casa de má fama”.

Na introdução da coletânea *About the House: Lévi-Strauss and Beyond*, Carsten e Hugh-Jones (1995) ressaltam a estreita ligação entre casa e corpo, ambos sendo “lócus de teias de significado e modelo cognitivo para estruturar, pensar e experimentar o mundo” (p. 3). E se casas e corpos se constituem mutuamente, o bordel ou o quarto de hotel, como avesso da casa, são habitados, sempre de maneira intermitente, por figuras acéfalas em suas performances excedentes da norma.

Para que a garota chegue a encontrar o pai e alcance as vias da revelação do segredo do trabalho sexual que exerce, é preciso, pois, ter podido construir para si um corpo sem rosto (Deleuze & Guattari, 1947/2012). Aquele corpo de costas, no salão escuro do bordel, aquele corpo mascarado pela técnica de Photoshop no site de *call girls*. Aquele cujas pistas são apagadas por um nome impermanente e que é ao mesmo tempo de guerra e artístico.

A noção de honra, nesse cenário, entendida por Mauss (1925/2013) como garantia de dar-receber-retribuir, deixa de funcionar de forma unívoca e torna-se tripartida (a honra feminina, a honra masculina, a honra da família). A honra dos membros da família se desarticula. É cada um por si. Evento impulsionado pelo fato de prostitutas, e também os clientes, viverem a utopia de manterem em suspenso suas identidades e a subsequente regulamentação moral das suas condutas. Quimera que, sabemos, jamais poderá, de fato, consumir-se, por mais que se avance na direção de certos confrontos com a Lei instituída. O encontro entre pai (cliente) e filha (prostituta), sugiro, é um momento em que a Lei que regula a moralidade sexual da família, do ponto de vista da garota, vacila, ou é posta à prova.

Não há mais um mecanismo homogêneo de aprovação e reprovação social operando aqui (a honra implicada no sistema pai provedor-filha casta) estruturando a relação e mantendo o equilíbrio das pulsões. Por isso eles brigam, por isso entram numa disputa em que buscam desmoralizar um ao outro, na narrativa da novela que imagina um desfecho do mito coletado em campo (Lopes, 2016). A honra do pai, a honra da filha e a honra da família agora se desencontram, ora convergem, ora divergem, em uma experimentação frenética das possibilidades em jogo que coloca uma discussão sobre a legitimidade dos valores mantenedores da ordem social a partir de um conflito de gênero e de geração envolvendo a questão do trabalho, do dinheiro e do sustento. Que caminhos são legítimos para uma mulher autonomizar-se em relação à família, à ordem paterna?

A honra feminina, nesse caso, em conformidade com a transformação da noção de “honra” em “dignidade”, na modernidade ocidental (Oliveira, 2004), é resguardada pelo argumento do sustento que Giovanna apresenta. “Trabalho sexual é trabalho”; outro lema do ativismo de prostitutas que procura inscrever a prostituição, plenamente, entre as práticas laborais reconhecidas pelo Estado. Na economia de valores que se revela no conflito representado na novela, o valor da castidade mostra-se enfim menor que o valor da busca individual pelo dinheiro.

Mas no campo as mulheres de carne e osso continuam assustadas e trabalhando às escondidas, assombradas pelo fantasma de um pai que considera sexualmente seus corpos, que não pode suprir suas necessidades do ponto de vista econômico e ainda representa o porta-voz de uma ordem moral que policia as práticas sexuais das garotas, fazendo pressão na direção da castidade, da “boa conduta sexual” e, no limite, do casamento. Elas, assim, precisam, com efeito, negociar continuamente a passagem entre o mundo da norma e o submundo do puteiro, tratando de regular a circulação das informações sobre sua atuação no trabalho sexual.

Considerações finais

Será, por fim, preciso fazer algumas considerações sobre a livre aplicação da noção de mito straussiana a essa história na prostituição feminina de luxo. Essa espécie de “lenda urbana da prostituição”¹² pode, na verdade, estar situada em um terreno comum entre mito, provérbio e conto de fadas. Ela é recorrente; tem um aspecto estrutural, pois é atemporal e difusa; tem variantes e também um tom moralizante; é sucinta e pode ser pensada a partir das funções que os personagens desempenham. Os personagens constituem meramente o suporte das funções e estas serão mais bem representadas por ações (Propp, 1958).

Destarte, a função do pai, que no contexto cultural em que a narrativa emerge é prover ou sustentar a família, além de representar a Lei, apresenta uma contraparte, um aspecto de predação que não reconhece as limitações da própria Lei. Do mesmo modo, a porta aberta, como personagem, funciona como o profeta de Tebas, Tirésias: sua ação é revelar e seu sentido se constitui por oposição àquele do quarto, que é o ambiente do oculto, do segredo e do inconsciente.

A personagem da prostituta nessa narrativa, como filha, carrega também, assim como o pai, uma contradição interna, contradição essa que se acopla na do personagem do pai, como se pudesse fazer assim o sistema funcionar para frente ou de revés, pois na posição de filha ela é fruto da ordem parental, e como prostituta é o elemento perturbador da ordem e do casamento.

Eventualmente, as pesquisas antropológicas e sociológicas consideram um aspecto vital para essa apreciação: o do papel das prostitutas como mantenedoras do casamento heterossexual, não é à toa que os bordéis do alto meretrício sejam ambientes tão tradicionais, controlados, hetero-ordenados e que os clientes sejam, em sua maioria, homens casados, pais de família.

De todo modo, a união dos significantes em tensão nessa personagem (“filha” e “prostituta”) engendra o sentido espúrio, esse avesso do casamento, o avesso do pai, capaz até, na fantasia das mulheres, de provocar (desde que elas decidiram cobrar para fazer sexo)

12 Uma busca simples no Google por palavras-chave mostra como resultado uma reportagem, veiculada por diversos canais de comunicação, de um caso ocorrido em 2011 no Zimbábue, em que um homem teria, ao contratar uma prostituta de uma agência, recebido a filha como prestadora de serviço. A história tem final feliz: “Um morador de Nkulumane, no Zimbábue, telefonou para uma agência de acompanhantes e pediu que uma mulher fosse enviada ao hotel onde estava, segundo o site local Zimbabwe News. Titus Ncube se surpreendeu quando quem chegou ao local foi sua filha de 20 anos. Pai de três filhos, Ncube pediu desculpas a sua mulher e admitiu que o casamento deles está em uma “fase difícil”. Já sua filha garantiu que vai largar a prostituição e voltar à escola. Perdoada pelo pai, ela agora faz terapia para superar o trauma” (G1, 2011). No episódio seguinte ao encontro de Alex e Giovanna, em Verdades Secretas, Alex também passa a fazer terapia para superar o trauma e buscar aconselhamento médico profissional sobre o “problema” da filha.

a liberação do desejo incestuoso, implodindo assim o ordenamento social. Isso dá a dimensão do sentido da prostituição para as próprias mulheres prostitutas: elas fazem programa, a sociedade colapsa, o mundo implode, de maneira apocalíptica.

Assim é o que o mito parece acessar, em termos culturais, uma angústia feminina oriunda do colapso dos papéis sociais relativos a gênero, que vêm sendo gestado desde o fim do século XIX, no Ocidente. Colapso que implicou, fundamentalmente, numa democratização da função de provimento do núcleo familiar. Pode-se dizer que a função do sustento passou, de fato, por uma desgenerificação. Isso, é claro, considerando sobretudo o contexto da prostituição dita de luxo, protagonizada por corpos brancos povoados por fantasias de ócio feminino na classe média, o que McClintock (1954/2010) referiu como “trabalho do lazer” (p. 244)¹³.

A prostituição aparece como elemento-chave porque se situa, simultaneamente, no centro de duas questões cruciais para as mulheres no Ocidente e que pautaram fundamentalmente as reivindicações do movimento feminista ao longo de sua história: o trabalho feminino (primeira onda) e a liberdade das mulheres sobre os próprios corpos, incluindo aí o livre exercício da sua sexualidade (segunda onda). Se tomarmos então a prostituição como trabalho, como “trabalho sexual” (Olivar, 2013), colocando-a em contraste com a angústia enunciada pelo mito que as prostitutas de luxo recontam em tom de alerta, podemos dizer que o sexo, e/ou a libido das mulheres de classe média, parece estar (ainda) sendo deslocado do casamento para o trabalho¹⁴. Nesse cenário, a libido masculina emerge, ou pode emergir, em seu pleno sentido de predação, de ameaça a toda ordem: a tradicional (aquela organizada em torno da imagem do pai provedor) e a moderna (a que é engendrada pela mulher livre e trabalhadora).

“É concebível que existam línguas tais em que o mito seja inteiramente expresso por uma única palavra”, dizia Lévi-Strauss (1973/1993, p. 150) criticando o formalismo de Propp, que, segundo ele, incorria numa sobrecarga da forma (uma vez que é sobre a forma que

13 “Seu jogo de salão – o momento ritual de aparecer fresca, calma e ociosa diante do olhar do marido, pai e visitantes – era uma performance teatral de lazer, a negação cerimonial do seu trabalho. Para a maioria das mulheres das ainda desorganizadas classes médias, sugiro, o ócio era menos uma ausência de trabalho do que um trabalho de lazer” (McClintock, 1954/2010, p. 244). De outra parte, feministas negras, como Angela Davis (1981/2016) marcam o tempo todo a necessidade de o movimento feminista considerar que a questão do trabalho feminino, inclusive a demanda do feminismo da primeira onda pelo direito de as mulheres trabalharem, criando-se condições para que elas assim pudessem prover o próprio sustento, sempre foi uma demanda de mulheres brancas e de classe média, pois as mulheres negras e de classes baixas sempre trabalharam. Costuma-se atribuir à Sojourner Truth, num célebre discurso proferido em 1851 (“E eu não sou uma mulher?”) a marcação dessa diferença que pioneiramente chama atenção para a não homogeneidade da categoria “mulher”.

14 “Os capitalistas podem explorar os trabalhadores e os maridos podem explorar as esposas porque trabalhadores e esposas constituem-se em subordinados através dos contratos de trabalho e de casamento”, diz Pateman (1954/1993, p. 24) no livro *O Contrato Sexual*. Isso remete, aliás, a um apontamento a respeito das relações de gênero em minha pesquisa de mestrado; o de que as “putas” (uma das personagens que povoavam a vida erótica e afetiva dos jovens traficantes e que rivalizam com as “esposas” ou “fiéis”) podiam ser pensadas como figuras homônimas dos bandidos, pois elas viviam no submundo das relações conjugais, assim como eles viviam no submundo da Lei, o que era indicado pelo jargão nativo: rato (ladrão)/rata (puta, prostituta); bandido (traficante)/bandida (puta). A propósito de nossa discussão atual, se, como identifica Pateman, num determinado momento histórico o casamento funcionava como uma anomalia da Lei, uma vez que as mulheres não eram livres para assinar contratos, mas constituíam parte legal no contrato de casamento, o sexo prostituído, no contexto etnografado, poderia indicar o deslocamento da prática sexual feminina (imaginada como monopólio do marido, na Lei paterna) como mais uma passagem do privado ao público.

Propp se concentra, opondo-a ao conteúdo, em vez de considerar, como o estruturalismo straussiano, que forma seja, concomitantemente, conteúdo), com o equívoco subsequente de eximir-se de uma análise do contexto etnográfico.

É por isso que Lévi-Strauss considera que o Complexo de Édipo inventado por Freud, cuja narrativa não é idêntica à do mito de Sófocles, seja, tal qual a versão original da história, mito, pois o mito não distingue versões autênticas de variantes. Podemos, assim, tomar Édipo por aquela palavra-mito que foi sendo investida (e investindo a si mesma) do sentido de narrativa fundante da subjetividade moderna, funcionando agora para articular a significação das histórias que as prostitutas recontam.

Referências

- Araújo, R. (2006). *Prostituição: artes e manhas do ofício*. Goiânia: Cânone Editorial.
- Armstrong, N. (1987). The rise of the domestic woman. In Armstrong, N & Tennenhouse, L. (Eds.). *The ideology of conduct: essays in literature and the history of sexuality* (pp. 96-141). New York: Methuen.
- Bacelar, J. (1982). *A família da prostituta*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia (Ensaio 87).
- Bittencourt, E. (2012). Sempre foi assim... A lei do desejo: o incesto e a pedofilia. *Berggasse*19, 4(1), 117-126.
- Breton, D. L. (2019). *Rostos: ensaios de antropologia*. São Paulo: Editora Vozes. (Obra original publicada em 1953)
- Carsten, J. & Hugh-Jones, S. (1995). *About the House: Lévi-Strauss and Beyond*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo. (Obra publicada originalmente em 1981).
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2011). *O anti-Édipo*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1972).
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2012). *Ano zero: rostidade*. In Deleuze, G. & Guattari, F. *Mil platôs* (Vol. III, pp. 21-57, C. P. Costa, A. G. Neto & A. L. de Oliveira, Trad.). São Paulo: Editora 34. (Obra original publicada em 1947).
- Domiciano, J. F. (2023). A teoria do mito em Freud e Lacan: do endopsíquico à estrutura da linguagem. *O Rei Está Nu*, 3(3), 21-35.
- Foucault, M. (2010). *Os anormais*. (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra publicada originalmente em 1975)
- Freud, S. (2012). Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). In Freud, S. *Obras Completas* (Vol. 21, pp. 17-41). São Paulo: Cia. das Letras. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2017). A perda da realidade na neurose e na psicose. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16, pp 193-199, P. C de Souza, Trad.). São Paulo: Cia. das Letras. (Obra original publicada em 1924)

- G1. (2011, 29 de novembro). *Homem descobre que prostituta que contratou era sua própria filha*. Planeta Bizarro. Recuperado em 19/09/2025 em: <<https://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2011/11/homem-descobre-que-prostituta-que-contratou-era-sua-propria-filha.html>>
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1958)
- Leite, J. & Barbosa, B. (2023). As *sugar babies* são empresas e os *sugar daddies* são investidores-anjo: uma análise sobre os relacionamentos *sugar* e suas vinculações com elementos de uma racionalidade neoliberal. *Plural*, 30(1), 86-107. Recuperado em 18/01/2025 em: <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/205473/195106>>
- Lévi-Strauss, C. (1962). *C. La Pensée Sauvage*. Paris: Plon.
- Lévi-Strauss, C. (1993). *Antropologia estrutural dois*. (4ª ed.). Curitiba: Tempo brasileiro. (Obra original publicada em 1973).
- Lopes, A. (2015). Édipo e seus enigmas. *Estudos de Psicanálise*, 23(44), 23-36. Recuperado em 18/01/2025 em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n44/n44a03.pdf>>
- Lopes, N. (2016). *Experimento em etnografia – ou sobre o que nos diz Giovana: um estudo sobre prostituição feminina de luxo no Rio de Janeiro*. Tese de doutorado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Lopes, N. (2023). *Atuar ou não como prostituta: programa, etnografia, putativismo*. Campinas: Ofícios Terrestres Edições.
- Martin, D. (2003). *Riscos na prostituição: um olhar antropológico*. São Paulo: Fapesp.
- Mauss, M. (2013). *Ensaio sobre a dádiva*. São Paulo: Cosac Naify. (Obra original publicada em 1925).
- McClintock, A. (2010). *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp. (Obra original publicada em 1954)
- Olivar, J. M. N. (2013). *Devir puta: políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Oliveira, L. (2004). Honra, dignidade e reciprocidade. In Martins, P. H. & Nunes, B. F. (Orgs.). *A nova ordem social: perspectivas da solidariedade contemporânea* (pp. 344-360). São Paulo: Vozes.
- Pateman, C. (1993). *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Obra original publicada em 1954).
- Piscitelli, A. (2023, janeiro). Trabalho sexual. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Propp, V. (1958). *Morphology of the Folktale, Part III*. Bloomington: Research Center, Indiana University.
- Rago, M. (2008). *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Simões, S. S., Silva, H. & Moraes, A. F. (Orgs.) (2014). *Prostituição e outras formas de amor*. Niterói: Editora da UFF.
- Truth, S. (1851, maio). E eu não sou uma mulher? *Women's Rights Convention*, Akron, Ohio, United States.

**“A prostitute opens the bedroom door and finds her father”:
a structural analysis of a myth of so-called high-end female prostitution**

Abstract

Based on anthropological research, this article draws on psychoanalytic theory to reflect on the repression of incestuous desire in the formation of the family and modern Western civility. To do so, it analyzes a story collected during fieldwork involving participant observation on high-end female prostitution in Rio de Janeiro. This story – repeatedly told among sex workers and approached here as a myth in the Straussian sense – recounts the encounter between a prostitute and her father during a paid sexual appointment. The article seeks to explore the meanings of this narrative within the ethnographic context from which it arises, while also traversing other settings to highlight the circulation of the myth (and its variants) in the social imagination surrounding prostitution on a broader scale. The discussion is framed by the question: how does the myth in question relate the economic and moral issue of sustenance, made possible through labor, to the traditional family structure prescribed as the model for modern Western society? The findings of the analysis underscore the significance of women’s labor in the underlying dynamics of desire that shape family and sexuality. It concludes, through an examination of the *mytheme* that gives the article its title, that the sense of dread and anguish expressed by women and represented in the mythical encounter with the father figure within the context of prostitution is tied to the conflict of meanings emerging from that setting.

Keywords: Myth, Prostitute, Anthropology, Psychoanalysis, Work.

**“Una prostituta abre la puerta de la habitación y se encuentra con su padre”:
análisis estructural de un mito de la prostitución femenina llamada de lujo**

Resumen

Partiendo de una investigación en antropología, el artículo utiliza los marcos teóricos del psicoanálisis para reflexionar sobre el tema del represamiento del deseo incestuoso en la constitución de la familia y la civilidad occidental moderna. Para ello, analiza una historia recogida durante trabajo de campo con observación participante sobre la prostitución femenina llamada de lujo en Río de Janeiro. Esta historia, contada repetidamente entre prostitutas – aquí entendida como un mito en términos strausianos – narra el encuentro de una prostituta con su padre, en el contexto de un servicio. El texto busca explorar los sentidos de este relato en el contexto etnográfico donde emerge, y también en otros escenarios, con el fin de mostrar la circulación

del mito (y sus variantes) en el imaginario social acerca de la prostitución en un panorama más amplio. La discusión se articula en torno a la siguiente pregunta: ¿de qué manera el mito en cuestión relaciona el problema económico-moral del sustento, posibilitado por el trabajo, con el orden familiar tradicionalmente prescrito como modelo de la sociedad moderna occidental? Los resultados del análisis apuntan a la importancia del trabajo femenino en la dinámica subyacente de deseos que organizan la familia y la sexualidad. Así, se concluye – a través del análisis del mitema que da nombre al artículo – que el asombro y la angustia expresados por las mujeres y representados en el encuentro mítico con la figura paterna en el ámbito de la prostitución están relacionados con el conflicto de significados que surge de este contexto.

Palabras clave: Mito, Prostituta, Antropología, Psicoanálisis, Trabajo.

**“Une prostituée ouvre la porte de la chambre et trouve son père”:
analyse structurale d’un mythe de la prostitution féminine dite de luxe**

Résumé

S’appuyant sur une recherche en anthropologie, cet article mobilise les références théoriques de la psychanalyse pour réfléchir au refoulement du désir incestueux dans la constitution de la famille et de la civilité occidentale moderne. Pour ce faire, il analyse une histoire recueillie lors d’un travail de terrain avec observation participante sur la prostitution féminine dite de luxe à Rio de Janeiro. Cette histoire, maintes fois racontée entre prostituées – ici appréhendée comme un mythe au sens straussien –, relate la rencontre d’une prostituée avec son père, au cours d’un programme. Le texte cherche alors à explorer les significations de ce récit dans le contexte ethnographique où il émerge, tout en le replaçant dans d’autres contextes, afin de montrer la circulation du mythe (et de ses variantes) dans l’imaginaire social autour de la prostitution, dans un cadre plus large. Cette réflexion s’articule autour de la question suivante : de quelle manière le mythe en question relie-t-il le problème économique-moral de la subsistance, rendue possible par le travail, à l’ordre familial traditionnellement prescrit comme modèle de la société occidentale moderne? Les résultats de cette analyse soulignent l’importance du travail féminin dans la dynamique sous-jacente des désirs qui organisent la famille et la sexualité. En ce sens, à travers l’examen du mythème qui donne son nom à l’article, on conclut que la stupeur et l’angoisse manifestées par les femmes et représentées dans la rencontre mythique avec la figure du père dans le cadre de la prostitution sont liées au conflit de significations qui émerge de ce contexte.

Mots-clés: Mythe, Prostituée, Anthropologie, Psychanalyse, Travail.

Recebido em: 19/01/2025

Revisado em: 13/05/2025

Aceito em: 29/06/2025